

VISÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE SÃO LUÍS

Marília Pugliese Branco^{1*}

O objetivo central desse presente texto é analisar algumas visões historiográficas sobre São Luís .

Produzida no século XVII, a obra de Le Nain de Tillemont (1637-1698), *Vie de saint Louis*, foi composta entre 1679 e 1684. Assim, inicialmente, precisamos considerar – rapidamente – o contexto no qual a obra foi produzida. Momento pelo qual as histórias nacionais, o estudo da história local e o exame desse passado nacional tomavam impulso na França e no resto da Europa.

Nascido numa família parisiense de parlamentares e de magistrados, Tillemont desde sua infância, recebeu uma formação com os mestres de elite, confiados a algumas famílias ligadas Royal-à Port.

Le Nain de Tillemont recebeu o propósito de escrever a vida de São Luís. Segundo Neveu, sendo ele, participante do clero e proveniente de uma família de magistrados, sua obra tem um caráter de devoção e, seu texto, apresenta aspectos inovadores à época, na medida em que, há uma preocupação com a história judiciária, administrativa e do parlamento do reino de Luís IX.

Utiliza-se de diversos tipos de fontes narrativas, fontes de arquivo, medalhas e registros. O método de Le Nain de Tillemont, citado por Bruno Neveu, é ‘*la méthode des recueils*’ – método de coleções. “A unidade de esforços e das concepções caracterizam, de fato, a obra de Tillemont cuja chave é dada pelo provérbio: Verdade mais próxima da piedade.” (LAURAIN-PORTEMER, 1967, p.494, tradução nossa)

Sua obra é vasta e descritiva, sem deixar nenhum assunto que ele julgava necessário à compreensão das ações do rei , sendo assim, ultrapassa os limites do reino da

¹ * Mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo, sob a orientação da Prof. Dr. Ana Paula Tavares Magalhães e bolsista da FAPESP.

França da maneira em que o rei ampliava suas relações.

Como a história de São Luís associa-se àquelas dos príncipes vizinhos, somos obrigados a mostrar, em qual estado estava naquela época, o Império; a Inglaterra, a Espanha, e até mesmo apresentar Constantinopla, na Ásia, na Síria e no Egito. (TILLEMONT, 1847, v.I, p.89-90, tradução nossa)

Nós o consideraremos, portanto, como um simples indivíduo, comprometido somente com os cuidados de sua alma; em seguida, como pai e chefe de família, responsável pelos cuidados de sua mulher, de seus filhos, de seus domésticos, e finalmente, como rei, encarregado pela condução de todo um povo e obrigado a se conduzir como um príncipe cristão aos olhos de seus súditos e dos estrangeiros. (TILLEMONT, 1847, v.V, p.334, tradução nossa).

Dessa forma, sua *Vie* inicia-se com o nascimento – em Paris – e a infância de Luís VIII (1187-1226) e, conseqüentemente, o reinado de Filipe Augusto (1165-1223) a partir daquele momento. A descrição minuciosa da relação entre os reinos (França e Inglaterra), a situação dos cristãos no Oriente e da vida de Luís VIII, sua sagração e curto período de seu reinado, apenas três anos (1223-1226). A morte de sua mãe, a rainha Isabelle de Hainaut (1170-1189), o seu casamento com Branca de Castela e a morte de seu pai, o rei Filipe Augusto, em 1223. Em diversas passagens, nessa primeira parte do livro, o autor faz associações a lugares e momentos vividos por seus antecessores ao reinado de São Luís.

Partindo da doença e morte de Luís VIII é que termina as Preliminares do livro de Tillemont e, inicia a *Vie de saint Louis* propriamente dita, com o testamento feito pelo rei, em 1225 e deixado a fim de providenciar em boa hora, a tranqüilidade de seu Estado. Em 1214, nasce Luís, o sucessor de Luís VIII, após a morte prematura de seu irmão mais velho Filipe (1209-1218).

Assim, a vida de São Luís é narrada pelo autor, como dissemos anteriormente, nas suas diversas relações, os problemas em seu reino, os conflitos vizinhos e além mar. A sua coroação, sagração, seu casamento com Margarida e sua maioridade. A situação do papado e os sucessivos papas, os Concílios, a relação com o Império. O Oriente e sua ida à cruzada – Joinville o acompanha – os combates e a declaração de sua mãe como regente do reino na sua ausência. Sua permanência em além mar e a notícia da morte de sua mãe.

Infelizmente não temos o quarto volume que provavelmente, narra o retorno do rei ao Ocidente e o estado que estava seu reino durante essa ausência. Dessa maneira, o volume seguinte, já inicia com a vontade de São Luís em retornar ao Oriente e, conseqüentemente, os dobramentos dessa decisão e sua morte em 1270.

Tillemont relata os milagres de São Luís antes de sua canonização e todo o processo, sobre os cronistas que escreveram Vidas do rei como Geoffroy de Beaulieu, Guillaume de Chartres, Guillaume de Nangis e Jean de Joinville, sobre os estabelecimentos feitos pelo rei como o parlamento, ministros e conselheiros, a fundação de monastérios. Por fim, reserva uma parte da obra, às qualidades humanas, sua educação, a piedade, seu amor pela pureza, bondade, coragem, sabedoria, ou seja, características que justificam o santo rei. “A *Vida de São Luís* lhe dava uma possibilidade de pintar um santo, sem outros artifícios, de tal forma que Luís IX conseguiu, de fato, proporcionar a imagem de uma alma religiosa”²(NEVEU, 1970, p.327, tradução nossa). Segundo Neveu, Tillemont não julga São Luís, ele o admira.

A obra de Tillemont foi editada no século XIX por Jules de Gaulle sendo parte da coleção da *Sociedade do historiador da França* e da renovação da história positivista. Gaulle nos relata, no início de sua edição, que Tillemont copiou um grande número de fragmentos de crônicas, de cartas, passagens de diversos autores, utilizados de apoio para suas obras e, que essas compilações foram, praticamente, perdidas.

A importância de Tillemont fez-se notado, ao longo desse levantamento bibliográfico, na medida em que, a obra está presente em todos os estudos – sobre São Luís – que citaremos a diante, como o estudo mais importante e utilizado sobre o reinado do rei. Como mencionado anteriormente, o valor dado é resultado de sua complexidade nas descrições dos fatos desse reino, considerando que ela foi escrita no século XVII, e pelo acesso a documentos, atualmente, inacessíveis aos historiadores.

Dando continuidade ao nosso estudo sobre as diversas correntes historiográficas e abordagens sobre o reinado de São Luís, seguiremos com a obra de Henri Wallon

² “La *Vie de saint Louis* lui offrait la possibilité de peindre un saint, sans artifice du rest tant Louis IX a véritablement offert l’image d’une âme religieuse.” (Apud: NEVEU, Bruno. *Le Nain de Tillemont et la Vie de saint Louis*. In: *Septième Centenaire de la mort de saint Louis – actes des colloques de Royaumont et de Paris (21-27 mai de 1970)*. Paris: Les belles Lettres, 1976, p.327).

(1812-1904), *Saint Louis et son temps*, um estudo em que, segundo o próprio autor, “Luís IX foi um santo no trono”, logo, “qual influência teve o temperamento do santo, sobre o comando do rei?”³ (WALLON, 1875, p.I, tradução nossa). A sua vida, além de ser um exemplo aos cristãos, é objeto de meditação para o político.

Wallon é um historiador que representa seu tempo, século XIX. Vivente no momento em que a tendência historiográfica preocupa-se com a chamada – segundo Peter Burke – ‘história da sociedade’. Uma história que não se limitava apenas a guerra, a política, os grandes feitos e os grandes homens, mas, expandia seu campo, as leis e ao comércio, a moral e aos costumes. Ao centrarem na história das estruturas, muitos estudiosos recorriam à história da arte, da literatura e da música. No século XIX, o historiador Burckhardt (1818-1897) compreendia a história a interação de três elementos: o Estado, a Religião e a Cultura. Essas características e os tipos de abordagens são visíveis, como veremos adiante, na obra de Henri Wallon e suas preocupações trabalhadas nesse estudo. O estudo de um grande rei, partindo da valorização de suas características e virtudes cristãs que comprovavam sua santidade, assim como, suas ações, relações e as estruturas do reino.

Segundo Perrot, Wallon admirava tanto a profunda fé e a piedade do santo que ao apreciar os atos do rei, lhe faltou coragem para condenar a cruzada de Tunis, uma empreitada que não poderia ser aproveitável nem ao reinado da França, nem a cristandade.

Wallon inicia sua obra contextualizando o reino de Luís IX, a partir do ano de 1214 – nascimento da São Luís. O momento vivido por Filipe Augusto e Luís VIII e os conflitos daquele período.

Dessa maneira, introduz o estado, mapeando as regiões da França – os feudos e subfeudos que se encontrava sob o domínio do rei e dos barões na morte de Luís VIII, que conseqüentemente, deixava ao trono, uma criança que, segundo Wallon, poderia colocar em risco os feitos dos Capetíngios conseguidos durante dois séculos.

Antes de começar a narração da história do príncipe que se tornará Luís IX,

³ “Louis IX fut un saint sur le trône. Quelle influence le caractère du saint a-t-il eue sur la conduite du roi ?” (Apud: WALLON, Henri. *Saint Louis et son temps*, 2v. Paris: Librairie Hachette, 1875, v.I, p.I).

Wallon apresenta os principais historiadores que serão utilizados no decorrer da obra. São, dentre eles e em ordem de importância para o autor, Jean de Joinville, Geoffroi de Beaulieu, Guillaume de Chartres, Guillaume de Nangis e Primat (dois monges de Saint-Denis), Vincent de Beauvais (dominicano). Além disso, cita Le Nain de Tillemont, como uma obra admirável, que detém todos os fatos reunidos e datados com bastante plenitude de informações.

No dia 25 de abril de 1214, nasce São Luís em Poissy e sua história é iniciada sob regência de sua mãe, a rainha Branca de Castella.

Assim, o autor, dedica um capítulo às virtudes do futuro rei e mostra a importante influência de Branca de Castella em sua vida cristã. Piedade, simplicidade, pureza, bondade, humildade e caridade são as características trabalhadas.

“Era ela que o tinha alimentado de seu leite, era ela que tinha cuidado da sua primeira educação, rodeando-o de homens religiosos capazes de fortalecer, por suas lições e seus exemplos, a fé e o amor de Deus em sua alma.” (WALLON, 1875, v.I, 51, tradução nossa)

Logo, o primeiro volume dessa obra, é dedicado ao período citado e ao seu governo pessoal – os conflitos dentro e fora do reino, a questão do papado e o Império, as cruzadas anteriores – 5ª e 6ª cruzada – ao Luís IX, bem como, a sua primeira cruzada – em 1248. O Concílio de Lyon onde se decidiu sobre a necessidade da ida para ‘além-mar’ e as questões entre Inocêncio IV e Frederico II. Esse volume termina com o retorno de Luís à Paris, em 1254.

O segundo volume o autor preocupa-se em estruturar todo o reino, começando a dividi-lo e analisá-lo em três partes: a realeza e o clero; a nobreza; as cidades e o campo. Assim, os capítulos seguintes são destinados a explicação da parte administrativa, da organização militar, judiciária, sobre as letras, as ciências e as belas artes do reinado. A última parte da obra, Wallon relata a situação exterior, dos reinos vizinhos, e suas relações com o reino de Luís IX. As características de fé, devoção e as boas obras do rei na época da sua última cruzada, e a conseqüente partida, ao Oriente, em 1267. A sua morte em 1270, o retorno do corpo à França e sua canonização, em 1287.

O historiador moderno deve se contentar em contar suas virtudes. O seu elogio está no quadro que tentamos traçar. Uma coisa o caracteriza como rei. A admiração que ele ganhou, permanece tão viva entre as gerações seguintes, que em todas as crises do reino, quando um rei queria retomar a confiança do povo, quando o povo desejava alguma solução a seus males, os olhares não se dirigiam para o futuro, eles se voltavam ao passado. Só se prometia ou solicitava uma coisa: o restabelecimento daquilo que existia sob São Luís. Ele tinha o mérito de que seu reino permanecesse como um ideal acima do qual não se via mais nada. (WALLON, 1875, v.II, 551, tradução nossa)

Utilizaremos também, dando continuidade a essa discussão, a posição da historiografia quanto a figura deste rei, como no trabalho do historiador Gérard Sivéry que analisa São Luís e seu contexto vivido, que segundo ele, havia naquele período duas França – duas realidades. Após quinze anos de estudo, Sivéry escreve uma obra sobre o reino de São Luís e sua evolução, como mestre desse reino.

Em *Saint Louis et son siècle*, Sivéry utiliza-se de documentos que, segundo ele, foram pouco utilizados pela historiografia. Denominado por ele como “nova documentação”, os inquéritos, contabilidades, descrições do reinado e os atos da *cúria*, fornecem uma imagem diferente daquelas encontradas nas diversas obras sobre o período.

Assim, nos inquéritos, o historiador nos mostra uma França perturbada, profundamente descontente com diversas queixas de seus habitantes, submissa a um poder central. Nas contabilidades, revelam-se duas França do reinado de São Luís, isto é, a França da economia aberta, de grandes mudanças e ainda, uma economia cíclica e, de outro lado, a França que mal conhecia esse contexto que, para Sivéry representava a maioria do reinado e seus habitantes.

A vida de um reinado é o encontro de múltiplas correntes/ movimentos humanas, políticas, religiosas, sociais, culturais e econômicas sem esquecer aqueles que dependem mais diretamente do meio geográfico, dos costumes e dos antecedentes, verdadeiros genes que programam uma civilização. (SIVÉRY, 1983, p. 12, tradução nossa)

A oposição colocada pelo historiador, por meio dos inquiridos, é de uma França ligada ao Do –rica e que conhece essa nova economia múnio real – e uma França arcaica, afastada dos principais circuitos comerciais.

O historiador atenta o leitor ao estudo além das elites e sua mentalidade, logo, preocupa-se em mostrar os excluídos dessa história. Nota-se o movimento historiográfico presenciado pelo autor, com a Escola dos Annales, principalmente pela sua preocupação em mostrar as múltiplas correntes – a interdisciplinaridade – e, entre outros, as queixas dos oprimidos.

Bom ou ruim, feliz ou infeliz, o Como qualquer época da ?século de São Luís ,conheceu a grandeza e as dificuldades ,históriaa inovação e o peso do passado, a alegria e a tristeza. A dignidade e a humildade da pesquisa consiste, precisamente, em conhecer e compreender os homens que viveram num dado momento. (SIVÉRY, 1983, p. 15, tradução nossa)

Sobretudo, Sivéry examina Luís IX confrontando-o ao seu século e ao seu reinado e conclui que durante 1226-1270, o reino da França sofreu profundas transformações. Um novo tipo de Estado impunha autoridade sobre o Domínio real e as partes do reino que dispunham de administração autônoma (comunas – ‘*communes*’ – e grandes feudos) se consolidaram e criaram algumas estruturas indispensáveis. Paralelamente, o impulso a caminho dessa unidade foi ampliado pela expansão econômica e demográfica que continuavam no reino. Para o historiador, a teoria da autonomia do poder temporal em relação ao poder espiritual, defendida pelos teólogos mendicantes, se concretizou nessa figura e, a prova disso, era a grande influência que Luís IX tinha sobre a Igreja. Assim, sua marcha à santidade, a partir da provação da primeira cruzada, não o impediu de agir com lucidez em favor de seu reinado. Segundo Sivéry, a cruzada para Tunis não foi uma prova de ingenuidade de um homem envelhecido. Ela mostra, pelo menos, que o rei pretendia, a partir de então, uma política conjunta em todo o Mediterrâneo.

Outra obra publicada no mesmo período que Sivéry, foi o estudo de Jean Richard

– *Saint Louis, roi d'une France féodale, soutien de la Terre sainte*, publicado em 1983.

Richard aborda o reino de Luís IX, tendo como base, principalmente, dois aspectos, a relação com o Oriente, as cruzadas e a Terra Santa e, a história dos principados feudais, isto é, reconhece nas ações de São Luís, um rei que soube fazer uma realeza forte numa França feudal, que estava longe de desaparecer.

Nesse período, o reino da França possuía uma estrutura feudal – presente em diversos reinos da Cristandade. A possibilidade de se governar esses homens era por intermédio dos príncipes e dos senhores que constituíam a pirâmide da vassalagem. A Igreja era uma autoridade feudal – ela própria tinha seus senhores e vassalos, os legistas – forneciam à monarquia seus fiéis servidores – baseavam-se num direito em que as regras regentes aos feudos eram associadas aos princípios romanos. Assim, para Richard, um dos traços fundamentais de seu reino foi a imposição da autoridade real aos vassalos, ao mesmo tempo em que os incorporava em seu governo, dando-lhes confiança.

Um meio século durante o qual a realeza conseguiu integrar ao reino os grandes feudos normand, poitevin, saintongeais, breton e languedocien, dos quais Filipe Augusto e Luís VIII tinham dominados pela força. Um meio século no curso do qual a autoridade real assumiu novos traços, não sem ultrapassar, graças ao prestígio conquistado pelo rei, os limites do reinado – no Levante, na Itália, nos Países Baixos, na Inglaterra. A ação do rei das flores de lis se alargou até as dimensões da Cristandade, e o Papado, ele mesmo, terminou por inclinar-se diante dele.(RICHARD, 1983, p. 7, tradução nossa)

Dessa forma, os documentos mais utilizados foram as crônicas e os *Olim* – antigo registro do Parlamento de Paris.

A primeira parte, o autor dedica ao período que antecede a cruzada. Os anos de formação, a realeza na França feudal, as querelas e suas relações pessoais (o casamento real e seus irmãos). A segunda parte é destinada a sétima cruzada (1248-1254), ‘*Charnière* do reino’, ou seja, o evento que serviu de transição ao seu reinado. Com o retorno do rei a França, em 1254, Richard deixa à terceira parte do livro, aos elogios e bons feitos reais, intitulado como ‘O maior rei do Ocidente’. Na quarta e última parte, o historiador nos conta sobre o retorno de Luís IX em direção ao Mediterrâneo e ao Oriente.

Para Richard, por vezes, o rei intervinha em alguns casos de maneira rígida – ‘*main lourde*’, principalmente, quando queria eliminar os pecados mais escandalosos de seu reino. Foi um rude justiceiro e os barões foram jogados na prisão e condenados ao pagamento de multas; os prelados – venerados como servidores de Deus – eram ‘obrigados’ a respeitar as prerrogativas reais; as cidades e as igrejas queixavam-se diante das exigências fiscais. As teorias jurídicas ainda ligadas ao “direito franco” e aos velhos costumes foram substituídas por outras, vindas da Universidade. Luís IX colocou o reino da França numa nova dimensão, pondo-a em primeiro lugar na Europa, devido sua responsabilidade pela conservação da Terra Santa, pela libertação de Jerusalém e mesmo, pela conversão dos infiéis. Mas, para isso, impunha severas taxas aos franceses.

Apesar disso, Richard nos fornece a imagem de um rei que – usando os meios que os legistas colocavam a sua disposição e com o objetivo de manter a paz e a justiça – respeitava a ordem feudal, procurava o equilíbrio entre os princípios e suas aplicações, preferindo o compromisso à coerção. A sua imagem, de justiceiro sem fraqueza foi marcada pela doçura – cara às idades posteriores onde essa moderação havia desaparecido pelo rigor das leis – e ficou como o grande “fazedor de paz” que, segundo o historiador, o século XIII conheceu.

Após uma década de estudos, Jacques Le Goff publicou a biografia sobre São Luís. Membro da terceira geração da Escola dos Annales, Jacques Le Goff, discípulo de Fernand Braudel, ocupou a presidência da célebre École des Hautes Études en Sciences Sociales, em 1975. Pertencente a uma geração em que houve mudanças intelectuais significativas, como a incorporação da história da infância, dos sonhos, das mulheres, do corpo, entre outras. Le Goff destacou-se pela história das mentalidades, ou a história do “imaginário medieval” – juntamente com George Duby. Nesse período, houve o retorno da história política, longe de ser rejeitada pelo medievalista. Não a considera mais como “espinha dorsal” da história, nem em sua autonomia plena na história.

Todavia interessa-se pela monarquia sagrada, através do qual trabalhou e publicou o livro sobre Luís IX: São Luís – biografia. O trabalho foi considerado pioneiro no conceito de “biografia total” e foi, partindo dessa concepção, que escreveu sobre a figura mais importante do século XIII. Luís IX, rei medieval francês, reinou durante quarenta e quatro anos. Durante este período foi considerado o centro do Ocidente cristão.

Na produção do livro, Le Goff percebeu as dificuldades de biografia histórica. Segundo ele, a biografia é um modo particular e difícil de fazer história. Deparou-se com Fustel de Coulanges (1830-1889), “A história é a ciência das sociedades humanas (...) é talvez reduzir excessivamente, na história, a parte do indivíduo.”⁴ Assim, Le Goff percebeu que poderia “tornar-se um observatório privilegiado para refletir utilmente sobre as convenções e sobre as ambições do ofício do historiador, sobre os limites dos conhecimentos adquiridos, sobre as redefinições de que ele tem necessidade.”⁵

Habitado a fazer história global, Le Goff fez, do personagem em questão, “um sujeito globalizante”, em torno do qual se organiza todo o campo da pesquisa.”⁶ Outra opção feita pelo historiador, foi respeitar os documentos existentes sobre Luís, ou seja, a documentação determinou os limites da investigação.

Apesar da vasta documentação sobre São Luís – por ser rei e por ser santo –, Le Goff precisou ser muito criterioso com as fontes que dispunha. Era preciso separar o São Luís real do imaginário e, ao mesmo tempo, estabelecer um diálogo entre ambos, a fim de poder dar conta do personagem e do contexto. Além disso, era preciso dar conta das limitações que o São Luís real impunha à compreensão da realidade de seu período. As fontes mais comuns são as hagiografias, as chamadas *Vitae*, de santos, narrativas que giram em torno da virtude e piedade do santo, apresentando suas condições de nascimento, atuação, morte e, sobretudo, seus milagres. Le Goff, então, avaliou as condições da produção dessa memória no século XIII e constantemente estabeleceu como objetivo, através dessas fontes, aproximar-se do verdadeiro São Luís.

Interessante observar a perspectiva historiográfica, sob o ponto de vista de uma biografia contemporânea realizada por um importante medievalista de nosso século. A maior parte dos escritos feitos sobre Luis IX está preocupada em santificá-lo. Podemos tratar a obra de Le Goff – *São Luís, biografia*, como pioneira numa abordagem desse problema, pois se preocupou em retratá-lo como sujeito de sua época, agente do século XIII, ou seja, mostrar suas inquietações, “defeitos”, relações com seus subalternos e

⁴ Afirmação de Fustel de Coulanges. Apud: LE GOFF, Jacques. *São Luís – biografia*. Rio de Janeiro, Record, 2002, p. 21.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

súditos, sua mulher, os ensinamentos deixados aos filhos, a preservação da memória de seu avô – Filipe, o Belo, seu cotidiano, sua devoção, virtudes, milagres e principalmente, os motivos de sua canonização.

Le Goff se preocupou em mostrar o homem Luís, as incertezas e os problemas enfrentados durante as etapas de sua vida:

“É no cotidiano do exercício de sua função real e na construção, secreta, inconsciente e incerta, de sua santidade que a existência de São Luís se torna uma vida cuja biografia pode tentar ser relatada (...) o prestígio crescente de uma realeza sagrada que, contudo, está longe de ser absoluta e cujo poder taumatúrgico é estritamente isolado, sua luta com o tempo e com o espaço, com uma economia que ele nem sequer sabe qualificar. Não tentei esconder as contradições que pesaram sobre a personagem e a vida de Luís.”⁷

São Luís é considerado pela historiografia um rei-síntese da Idade Média. Rei-santo, Luis IX foi tanto um guerreiro-cruzado, quanto um administrador e legislador de grande significado para a evolução política da monarquia francesa.

Por fim, o último estudo a ser trabalhado, não menos interessante e o mais atual – infelizmente, incorporado tardiamente a nossa bibliografia – é a obra de M. Cecília Gaposchkin, *The making of Saint Louis – kingship, sanctity, and crusade in the Later Middle ages*, publicada em 2008.

A historiadora americana nos dá uma visão ‘diferenciada’ sobre o rei, a partir do caminho feito do rei à construção da imagem do Santo Luís. O texto está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo enfatiza a construção de um Santo no período compreendido entre 1270-1297. No segundo capítulo a canonização de 1297 é estudada, bem como, o contexto político – a relação entre o papa Bonifácio VIII e Filipe IV (1296-1297), o belo. Em seguida, Gaposchkin trabalha com a idéia da construção desse culto – os ossos, os altares e os ofícios litúrgicos (capítulo 3), o conceito de santidade real e a realeza sagrada (capítulo 4). O capítulo 5 é dedicado ao Luís monástico: os cistercienses e os dionisíacos e o capítulo 6, ela lida com a imagem do São Luís franciscano e o espectro de São Francisco. Assim, dedica um capítulo à Joinville –

⁷ LE GOFF, Jacques. *São Luís – biografia*. São Paulo: Record, 2002, p. 24.

cronologia e composição; o retrato de Luís na narrativa cruzada; o quadro hagiográfico: Luís como santo secular; piedade, realeza, cruzada e santidade. Por fim, o último capítulo é destinado à privada devoção, a linhagem sagrada e a santidade dinástica – a tradução do ofício; livro de horas e as “horas de Luís”; dinastia, cruzada e legitimidade; Luís, Capetíngios, Valois.

Dessa maneira, o livro traça o processo que levou Luís de rei a santo, principalmente, os anos que seguiram após sua morte, em 1270. Ele foi o primeiro rei canonizado em mais de um século passado e o último rei canonizado na Idade Média. Seu objetivo não é propriamente Luís, mas, os diversos elementos da construção de sua santidade e a consolidação e difusão de seu culto. Assim, utiliza-se de uma série de documentos que, segundo a própria historiadora, foram poucos utilizados pelos estudiosos – ou ainda inéditos. São eles, os textos litúrgicos, os sermões de dia de festa de São Luís e os textos hagiográficos, mais conhecidos. Para Gaposchkin “o ofício litúrgico constituem um tesouro de fontes materiais que concerne a santidade medieval tardia e que nos permite traçar o avanço do culto e da santidade, sobretudo após ca.1150, quando a produção desses ofícios explodiu”. (GAPOSCHKIN, 2008, p.14, tradução nossa)

O período que constituiu um momento de transição na própria Idade Média e não apenas o momento no qual a identidade de São Luís se formou. A construção da memória de Luís, a natureza da santidade e a evolução da realeza Capetíngia são os focos trabalhados nessa obra.

Bibliografia:

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989) – a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991.

CHAUVIN, Monique, MARTIN, Hervé, MENANT, François e MERDRIGNAC, Bernard – *Les Capétiens – Histoire e Dictionnaire, 987-1328*. Paris: Robert Laffont, 1999 (Collection Bouquins).

GAPOSCHKIN, M. Cecilia. *The making of Saint Louis – kingship, sanctity, and crusade in the Later Middle ages*. Ithaca e London: Cornell University Press, 2008.

JOINVILLE - *Vie de Saint Louis*, edição e tradução de Jacques Monfrin. Paris: Classiques Guernier, 1995.

*LAURAIN-PORTEMER, Madaleine. Bruno NEVEU. Un historien à l'école de Port-Royal, Sébastien Le Nain de Tillemont, 1637-1698. La Haye, M. Nijhoff, 1966 (Archives internacionales d'histoire des idées, 15). *Bibliothèque de l'école des chartes*, n. 2, v.125, p. 490-495, 1967. Disponível em: <<http://www.persee.fr>>

LE GOFF, Jacques. *São Luís – biografia*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

NEVEU, Bruno. Le Nain de Tillemont et La Vie de Saint Louis. *Septième Centenaire de la mort de saint Louis – actes des colloques de Royaumont et de Paris (21-27 mai de 1970)*. Paris: Les belles Lettres, 1976.

*PERROT, Georges. Notice historique sur la vie et les travaux de M. Henri-Alexandre Wallon. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, n.6, pp.667-729, 1905. Disponível em: <<http://www.persee.fr>>

RICHARD, Jean. *Saint Louis, roi d'une France féodale, soutien de la Terre sainte*. Paris: Fayard, 1983.

SIVÉRY, Gérard. *Saint Louis et son siècle*. Paris: Tallandier, 1983.

**TILLEMONT, Le Nain de – *Vie de Saint Louis, roi de France*, 6v. Paris: Jules Renouard, 1847.

**WALLON, Henri. *Saint Louis et son temps*, 2v. Paris: Librairie Hachette, 1875.

* Os artigos assinalados foram retirados do site “PERSEE”, agradecimentos: Le Ministère de la jeunesse, de l'éducation national et de la recherche, Direction de l'enseignement supérieur, Sous-direction des bibliothèques et de la documentation (voir <http://www.sup.adc.education.fr/bib/>).

** As obras assinaladas foram retiradas do site “GALLICA”, reproduções de obras tombadas do domínio público, proveniente das coleções do BnF – Biblioteca Nacional da França, inscrito no quadro da lei nº78-753 de 17 de julho 1978.